

*TECENDO SIGNIFICADOS:  
UMA ANÁLISE DA RELAÇÃO DO IDOSO  
COM O EQUIPAMENTO DE AUXÍLIO*

Yago Weschenfelder Rodrigues<sup>1</sup>

Luís Nuno Coelho Dias<sup>2</sup>

Ana Isabel Barreto Furtado Franco de

Albuquerque Veloso<sup>3</sup>

Fábio Feltrin de Souza<sup>4</sup>

resumo

Os equipamentos de auxílio, que fazem parte da cultura material do idoso, trazem não só o amparo para a mobilidade, mas também ativam processos de subjetivação, pois evocam outras aspirações ligadas à sociedade, à cultura, aos valores simbólicos. Nesse sentido,

---

1 Graduado em Design de Produto. Mestre em Design de Produto. Doutorando em Design na Universidade de Aveiro (UA) vinculado ao Departamento de Comunicação e Arte (DeCA). E-mail: yagowr5@gmail.com.

2 Graduado em Design. Doutor em Design. Professor-Associado no curso de Design da Universidade de Aveiro (UA) vinculado ao Departamento de Comunicação e Arte (DeCA). E-mail: ndias@ua.pt.

3 Graduada em Ciências e Tecnologias da Comunicação. Doutora em Ciências e Tecnologias da Comunicação. Professora-Associada no curso de Ciências e Tecnologias da Comunicação na Universidade de Aveiro (UA) vinculada ao Departamento de Comunicação e Arte (DeCA). E-mail: aiv@ua.pt.

4 Licenciado em História. Doutor em História Cultural. Professor-Associado nos cursos de História e Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH) da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS). E-mail: fabio.souza@uffs.edu.br.

o objetivo desta investigação foi analisar os discursos de idosos sobre seus respectivos equipamentos de auxílio. O método empregado foi um estudo de caso, valendo-se de dezesseis entrevistas semiestruturadas e aplicadas a idosos do Instituto Patronato, em Aveiro, Portugal. Como forma de exame, as transcrições foram submetidas a uma análise de conteúdo. Um dos principais resultados desta investigação foi constatar que estes produtos são percebidos como meros produtos de apoios, desprovidos de qualquer conexão simbólica. Por fim, a contribuição da pesquisa foi reconhecer que esta categoria de produto carrega um conjunto de estigmas, sobretudo por conta da supervalorização da função prática em detrimento da função simbólica.

#### palavras-chave

Equipamento de Auxílio. Estigma. Sujeito Idoso. Análise de Conteúdo.

## 1 Introdução

O crescente interesse da teoria do design por compreender os produtos a partir da experiência do uso, produzida e reproduzida nas interações entre o homem e a materialidade é a inspiração da presente investigação (QUELUZ, 2010). De maneira mais precisa, pretendemos refletir, no que tange à percepção do estigma socialmente construído por produtos assistivos, os significados<sup>5</sup> atribuídos aos produtos, avaliando os valores compartilhados e a teia na qual a cultura material do envelhecimento está imersa. Nesse sentido, o exame da relação entre o design e a produção do estigma, a partir de produtos assistivos no envelhecimento, parece exigir uma abordagem necessariamente interdisciplinar, por isso o itinerário teórico mobilizado nesta investigação buscará contemplar não apenas a complexidade relacionada ao objeto, como também estará atento à dilatação dos horizontes científicos necessários à chave analítica em terreno interdisciplinar (DOMINGUES, 2010).

---

5 Em sintonia com a já consagrada reflexão no âmbito dos Estudos Culturais, compreendemos a produção de significados como uma operação que confere sentido ao real, mediante um denso jogo de agenciamentos e efeitos discursivos, sempre localizados histórico e culturalmente. Isso porque as culturas não são manifestações orgânicas de uma determinada sociedade ou grupo social nem uma esfera autônoma de padrões estéticos, mas estão em permanente conflito com as representações ligadas aos processos de composição e recomposição dos artefatos e suas significações. Stuart Hall já afirmou que é na esfera cultural que as lutas por significações acontecem (HALL, 2000).

É nesse contexto que introduzimos e conectamos as reflexões elaboradas por Erving Goffman, Michel Foucault, Daniel Miller e Donald Norman. Primeiro, o sociólogo Erving Goffman foi um dos grandes responsáveis por compreender como a construção social do estigma pode ser entendida a partir de um conflito da identidade virtual com identidade real dos sujeitos no século XX (GOFFMAN, 2014). Através de um estereótipo social, a imagem real do sujeito estigmatizado sofre deterioração, descrédito ou inferiorização por pessoas ou grupos ditos como normais. Nessa linha de pensamento, e de modo complementar, o filósofo francês Michel Foucault defendeu que a subjetividade também é construída pela materialidade, a partir dos processos de sujeição empreendidos pelos dispositivos, pelas coisas, o que nos faz refletir sobre o poder do design e sua potência em construir arquétipos e modelar subjetividades (FOUCAULT, 2000).

Essa relação, entre “nós” e as “coisas”, é abordada por Daniel Miller (2005) a partir do conceito de “objetificação”, visto que, para o antropólogo, os objetos são constitutivos de nossa existência, mediante uma construção dialética sujeito-objeto, no qual sujeito e objeto se misturam numa constante simbiose. Assim, considera-se que os produtos nos fazem na mesma medida que também são feitos por nós, ou seja, estabelecendo uma via de mão dupla. Essa forma de análise visa a ultrapassar o dualismo reducionista entre sujeito e objeto e incita ao exame de como as relações sociais são criadas pelo uso.

Para o psicólogo Donald Norman (2008), e em conformidade com o que expusemos anteriormente, a análise emocional do design aborda o modo como os objetos evocam potentes emoções como amor e ódio, paz e raiva, orgulho e desprezo; enfim, preferências e indiferenças. É no processo de atribuição de sentido que são estabelecidas a malha sujeito-coisa, como as relacionadas com os estudos das emoções, considerando também, a proeminência de determinadas características sobre as outras, já que

Os objetos em nossas vidas são mais que meros bens materiais. Temos orgulho deles, não necessariamente porque estejamos exibindo riqueza ou status, mas por causa dos significados que eles trazem para nossa vida. Um objeto favorito é um símbolo que induz a uma postura mental positiva, um lembrete que nos traz boas recordações, ou por vezes uma expressão de nós mesmos. E esse objeto sempre tem uma história, uma lembrança e algo que nos liga pessoalmente àquele objeto em particular, àquela coisa em particular. (NORMAN, 2008, p. 26).

Esses apontamentos preliminares parecem fundamentais para pensarmos a relação entre o envelhecimento e seus laços com a cultura que, desde a década de 1970, tem observado um incremento substancial em seus estudos. Segundo

Gognalons-Caillard (1979), a exacerbação da noção do idoso como deficiente (estigmatizada) está relacionada à forma de como no Ocidente a velhice é posta em oposição a uma sociedade centrada na produção, rentabilidade, no dinamismo e na aceleração. Além disso, de acordo com Almeida e Lourenço (2010, p. 243), “[...] infelizmente, ainda hoje, em pleno século XXI, muitas inverdades são ditas e promovidas, muitos mitos são mantidos e um grande preconceito ainda existe em relação ao envelhecer [...]”, sobretudo por conta de um nexos, historicamente construído, entre velhice e doença, densamente marcado no corpo dos idosos. Ademais, Fernandes (2010) nos ajuda a refletir sobre esta estrutura social de estereótipos e mitos que condicionam uma identidade ao idoso e que, muitas vezes, estão enraizados na cultura ocidental.

Os processos de produção de subjetividades passam por condicionantes sociais, seja por influência do mercado, seja pelo efeito de padrões estruturantes da sociedade. Essas condições podem impactar na falta de inovação, de forma e de estilo, nos produtos assistivos para idosos. Tendo como base essa dinâmica, as condições de usos dos dispositivos técnicos podem reforçar um potencial de discriminação do corpo idoso, construído dessa maneira, sobretudo, a partir de meados do século XX, através da estética médica-hospitalar (RODRIGUES; DIAS; SOUZA, 2019). Desse modo, os debates em torno do estigma contido nos equipamentos de auxílio, desde sua ergonomia utilitarista, até os sentidos e as camadas discursivas que habitam sua configuração e aceitabilidade, passam, necessariamente, por um debate interdisciplinar, uma vez que o campo do design foi incapaz de problematizar essas questões.

Posto isso, o presente artigo tem como objetivo, a partir de um estudo de caso, examinar os padrões dos discursos de um grupo de idosos do Instituto Patronato, em Aveiro, Portugal, através da análise de conteúdo em cinco categorias essenciais: necessidade, usabilidade, experiência da mobilidade, percepção do estigma e desejo de inovação do equipamento, refletindo sobre a percepção de cada interlocutor com a materialidade; avaliando, assim, como cada idoso usa, entende, sente e deseja o equipamento de auxílio.

## 2 Método

Baseado nas elaborações metodológicas de Yin (2015), conduzimos um estudo de caso cujo lócus foi o Instituto Patronato, pertencente à cidade de Aveiro, em Portugal. O instituto possui dois espaços com objetivos diferentes: o primeiro, nomeado “Centro de Dia”, com diversas atividades programadas para idosos que, ao final do dia, voltam para suas residências; já o segundo

espaço, nomeado “Lar”, é destinado aos sujeitos com mobilidade mais restrita e com necessidade de amparo constante dos cuidadores.

As entrevistas semiestruturadas aconteceram dentro do Centro de Dia e do Lar, com dezesseis interlocutores, em duas salas específicas e de maneira reservada (Figura 1). Por se tratar de um instituto público, porém, não gratuito, a classe de recorte analisada constituiu-se de sujeitos com menos de um salário mínimo. Os critérios de inclusão foram idosos que possuíam equipamentos de auxílio como bengalas, muletas e andadores, ademais, que respondessem as questões deliberadamente.

Figura 1 – Momento da entrevista: idosos mostram seus equipamentos de auxílio.



Fonte: Elaborada pelos autores.

Conforme a Tabela 1, a idade dos idosos ( $n=16$ ) variou entre 81 anos e 99 anos, com predominância do sexo feminino (81,25%) e 18,75% do sexo masculino ( $M=86,88$  e  $DP=4,96$ ). Em relação ao nível de dependência<sup>6</sup>, 62,5% possuem

6 Relação ao nível de dependência em idosos, segundo José e Wall (2004).

baixa dependência e 37,5% média dependência. O tempo com equipamento variou de cinco casos (31,25%) em seu primeiro ano de uso, oito casos (50%) até dez anos de uso, um caso (6,25%) com mais de dez anos de uso e dois casos (12,5%) com mais de vinte anos de uso ( $M = 4,55$  anos  $DP = 6,23$ ). A duração das entrevistas variou entre quinze minutos e 36 minutos.

Tabela 1 – Ordem, idade dos sujeitos, sexo, nível de dependência, tempo com equipamento e duração das entrevistas.

| Ordem – Idosos | Idade (anos) | Sexo      | Nível de dependência | Tempo com equipamento (anos) | Tempo (min.) |
|----------------|--------------|-----------|----------------------|------------------------------|--------------|
| E1             | 99           | Masculino | Baixa                | 1                            | 16:54        |
| E2             | 91           | Feminino  | Baixa                | 20                           | 35:11        |
| E3             | 86           | Feminino  | Baixa                | 1                            | 25:00        |
| E4             | 86           | Feminino  | Média                | 10                           | 18:49        |
| E5             | 93           | Feminino  | Média                | 20                           | 33:23        |
| E6             | 86           | Feminino  | Baixa                | 2                            | 20:25        |
| E7             | 83           | Feminino  | Média                | 1                            | 20:24        |
| E8             | 86           | Feminino  | Baixa                | 0,083                        | 15:14        |
| E9             | 85           | Masculino | Baixa                | 2                            | 28:06        |
| E10            | 87           | Feminino  | Baixa                | 4                            | 23:18        |
| E11            | 85           | Masculino | Baixa                | 3                            | 19:23        |
| E12            | 81           | Feminino  | Baixa                | 1,5                          | 22:09        |
| E13            | 95           | Feminino  | Média                | 2                            | 36:28        |
| E14            | 82           | Feminino  | Baixa                | 1                            | 15:42        |
| E15            | 84           | Feminino  | Média                | 2                            | 24:23        |
| E16            | 81           | Feminino  | Média                | 2                            | 21:36        |

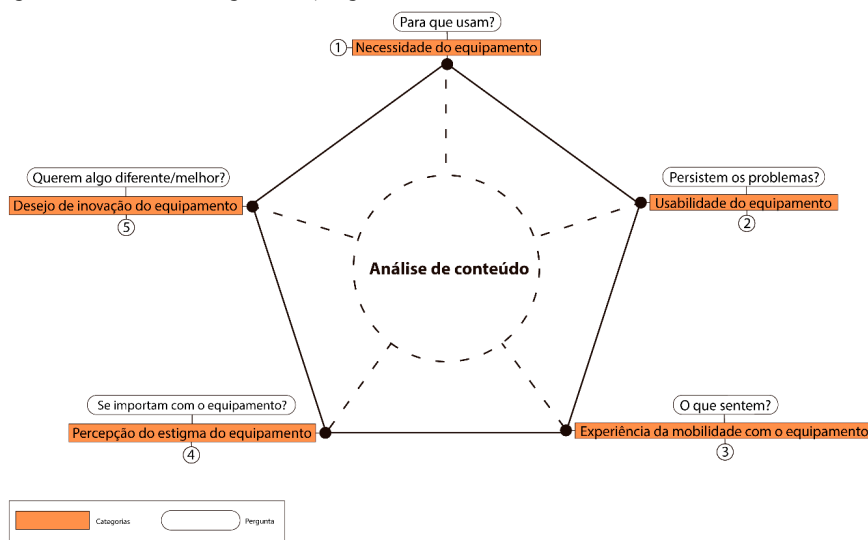
Fonte: Elaborada pelos autores.

As entrevistas foram transcritas e analisadas em conformidade com os pressupostos da análise de conteúdo, com o objetivo de explorar o padrão dos discursos sobre o uso do equipamento e da mobilidade. Do mesmo modo, buscou-se focar nas manifestações de distinção social (estigma), de patologização, de gostos/desgostos em relação ao produto e se existe desejo de mudança

da realidade (PÊCHEUX, 1969). Segundo Chizotti (2006), a análise do conteúdo visa a decompor unidades temáticas da transcrição, codificadas em categorias, que são associadas a indicadores que permitam a enumeração das unidades (frequência) e, a partir disso, estabelecer padrões discursivos.

A análise do conteúdo foi realizada seguindo as quatro fases indicadas por Bardin (1977): 1) leitura das entrevistas, que é o estabelecimento de contato com o documento transcrito; 2) a escolha das principais partes, que consiste em um recorte do que será analisado; 3) formulação das hipóteses e dos objetivos; 4) referenciação dos índices e elaboração de indicadores. Para conceber as categorias de fragmentação das entrevistas por Bardin (1977), considera-se que as categorias sejam: homogêneas, exaustivas, exclusivas, objetivas e adequadas ao contexto. Dessa forma, os dados foram sistematizados e, posteriormente, divididos em cinco temáticas de análise com suas respectivas perguntas, categorias e indicadores (Figura 2). Os exemplos dos excertos das entrevistas foram exibidos conforme cada indicador e categoria (no máximo três exemplos para cada indicador).

Figura 2 – Ordem, categorias e perguntas.



Fonte: Elaborada pelos autores.

### 3 Resultados

#### 3.1 Análise de conteúdo

##### 3.1.1 Necessidade do equipamento

Conforme a Tabela 2, pode-se perceber uma predominância do discurso funcionalista sobre o uso do produto (n=18) em relação ao valor simbólico (n=0). Dessa forma, foram divididos em três indicadores: proteção, equilíbrio e dores, de acordo com as falas dos entrevistados. O indicador “equilíbrio” destacou-se (n=13) dos demais, porque os idosos usam o equipamento para passeios e caminhadas, principalmente no deslocamento para o instituto, valendo-se do seu uso, principalmente, por medo de quedas.

Tabela 2 – Necessidade do equipamento.

| <b>Categoria</b>      | <b>Indicadores</b> | <b>Excertos das entrevistas</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |
|-----------------------|--------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Funcional (n=18)      | Equilíbrio (n=13)  | <p>“Eu uso bengala só para me segurar, assim, para passeios, ou qualquer coisa, porque eu tenho medo de cair, não é que eu necessite.” (E1).</p> <p>“[...] porque não tenho outra maneira de andar... sem ela não consigo andar [...]” (E5)</p> <p>“Uso porque perco o equilíbrio... todos os dias, ando na casa da minha filha com um pau... vou agarrado com o pau, mas na bengala vou mais direitinho.” (E15).</p> |
|                       | Proteção (n=2)     | <p>“Se eu não usar a bengala, quando eu me desequilíbrio posso cair, não é?... E uso a bengala para dar-me proteção.” (E10).</p> <p>“[...] Senão caio... uso ela para me sentir mais segura.” (E15).</p>                                                                                                                                                                                                              |
|                       | Dores (n=3)        | <p>“[...] Comprei porque não queria estar com dores, queria estar sem ela, mas não posso [...]” (E9).</p> <p>“[...] só as pernas... é que me obrigaram a arranjar uma bengala... para andar com ela [...]” (E12).</p> <p>“Para já, algumas crises para caminhar, usei a muleta para apoio, tenho problema no joelho esquerdo... dói às vezes, sinto dor à noite.” (E14).</p>                                          |
| Valor simbólico (n=0) | Estético (n=0)     |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |
|                       | Status (n=0)       |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |
| Não sabem (n=0)       | Não sei (n=0)      |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |

Fonte: Elaborada pelos autores.



A busca pelo equilíbrio e o constante medo de quedas indica uma predominância do discurso tecnicista sobre o equipamento, no qual a categoria da “funcionalidade” é posta como mais importante que qualquer outra, como a “categoria estética” (cor e forma). Assim, podemos afirmar que existe um vínculo de necessidade física protética entre o idoso e o equipamento de auxílio.

É nesse sentido que Miller (2013) afirma que nossos corpos, comportamentos e sentimentos podem passar por uma domesticação mediada pelos objetos, se adequando às imposições da materialidade, como uma capacidade inesperada em “[...] que os objetos têm de sair do foco, de fazer periféricos à nossa visão e ainda assim determinar nosso comportamento [...]” (MILLER, 2013, p. 79). Dentro dessa dinâmica do dispositivo biomédico, e de sua conexão com o design, pode-se compreender a qualidade “protética” dos produtos, de acordo com Miller (2013), como um prolongamento físico do corpo, sendo extensões do sujeito, como eficientes dispositivos educativos. O equipamento percebido como redutor de dores (n=3) e utilizado para proteção (n=2) mostram também, a preocupação com o corpo e sua funcionalidade, mas, agora, em conexão com o produto, uma vez que, segundo Mcluhan (1974), a tecnologia ou invenção é uma extensão do corpo, sendo que tal extensão, em sua visão funcional, exige novas relações de poder entre os demais órgãos.

### *3.1.2 Usabilidade do equipamento*

Conforme a Tabela 3, foi percebido quatro categorias com respostas relevantes para o item de usabilidade do equipamento: queixas (n=11), comparações (n=8), elogios (n=8) e indiferença (n=1). Em relação às queixas, o principal ponto relatado foi a base de borracha (n=5), devido aos desgastes, às caídas e trocas. É nessa esfera que Norman (2008) situa o design comportamental, em relação ao desempenho do produto, em que a função prática vem em primeiro lugar, na maneira de como as pessoas situam o equipamento pelas suas partes e seus respectivos funcionamentos, e não apenas pela aparência do produto. As comparações dos entrevistados baseiam-se em: equilíbrio (n=4), peso (n=2), força (n=1) e tamanho (n=1). Na usabilidade, de acordo com o contexto, a bengala foi preferida para subir as escadas em relação ao andador para E5, porém, para E16, o andador passa mais equilíbrio do que a bengala em situações com rampas. Já para E5 e E10, as bengalas são mais leves que as muletas e andadores.

Em sua vida diária, E7 intercala entre o uso do andador no Instituto e o uso da bengala na rua ou em casa, pois o andador não se acomoda bem no

interior da residência, devido ao tamanho ser maior do que a sua bengala. Já, E13 possui duas bengalas, uma mais grossa que usa em casa, outra mais fina com detalhes de madeira para contextos públicos. Em seu relato, afirma preferir usar a mais grossa em casa por questão de confiança, pois se sente mais seguro, passando o sentimento de força, já a mais leve é melhor para caminhar no ambiente urbano.

Tabela 3 – Usabilidade do equipamento.

| <b>Categoria</b>       | <b>Indicadores</b>      | <b>Excertos das entrevistas</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |
|------------------------|-------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Queixas<br>(n=11)      | Borracha (n=5)          | "Ah... gostava mais que ela não fosse assim ( <i>desgastada</i> ), que ela não estive assim, mas olha... uso... e desgasta... as coisas são como as pessoas, também ( <i>envelhecem</i> )."<br>(E4).<br>"[...] há tempos a borrachinha de baixo saiu e minha filha trocou [...]" (E12).<br>"[...] isso aqui caiu ( <i>borracha</i> )... escorregava...eu podia cair... e minha filha trocou... e colocou aquela borracha embaixo... fica mais segura, é claro." (E15). |
|                        | Peso (n=1)              | "Eu não consigo por causa da força, é preciso ter força, eu tenho as mãos dormentes. Falta de circulação devido à idade. Quando eu era nova eu fazia tudo e mais alguma coisa (risos) [...]" (E2).                                                                                                                                                                                                                                                                     |
|                        | Altura (n=1)            | "Eu gosto dela... não sei... às vezes ela cai, só se fosse um pouco mais alta, assim ( <i>demonstrou a altura</i> )" (E13).                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |
|                        | Escorregar(n=1)         | "Sim, às vezes escorrega, a gente tem que apanhar." (E10).                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |
|                        | Desgaste (n=1)          | "Não, agora já está desgastada." (E12).                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |
|                        | Subir e descer<br>(n=1) | "[...] os problemas das bengalas é atravessar as ruas, os passeios, as ruas inclinadas, o descer... descer as escadarias... mas eu consigo não é? Vou devagarinho." (E11).                                                                                                                                                                                                                                                                                             |
|                        | Ajuda (n=1)             | "[...] Além da bengala, vou-me apoiar com o braço em outra pessoa." (E5).                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              |
| Compara-<br>ções (n=8) | Equilíbrio (n=4)        | "Tenho que subir e descer as escadas todos os dias... e no andorilho eu não poderia fazer isso todos os dias, assim... de um lado vai a bengala e do outro vou agarrada ao varão... das escadas ( <i>demonstrou a posição</i> )."<br>(E5)<br>"Eu costumo fazer caminhadas com o aparelho e bengala, mas gosto de usar mais a bengala em casa e o andador na rua [...]"<br>"[...] é melhor andar com ela ( <i>bengala</i> ) do que só com o pau." (E12).                |

| Categoria              | Indicadores                      | Excertos das entrevistas                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |
|------------------------|----------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Compara-<br>ções (n=8) | Peso (n=2)                       | <p>"Sim... prefiro mais esta (<i>do Instituto</i>), porque acho a outra (<i>canadiana</i>) mais pesada do que esta. Ela está guardada lá, e às vezes quando vou em algum lado... mais, mais sério, que a levo. Mas vir para aqui, prefiro levar esta que é mais velha do que aquela que é mais nova." (E5).</p> <p>"Mas ainda não me dá jeito. Já usei o guarda-chuva também como apoio (<i>risada</i>)." (E8).</p> <p>"Não, não é leve. Ora bem... tenho umas canadianas, no princípio tive que usar, devido à operação... mas graças a Deus, agora uso só a bengala" (E10).</p> |
|                        | Força (n=1)                      | "[...] E tenho uma mais forte, de andar em casa, e acho mais segura." (E13).                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |
|                        | Tamanho (n=1)                    | "Uso mais a bengala em casa, acho mais confortável. O andador não passa pelas portas. Para conduzir, gosto mais da bengala, é melhor." (E7).                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |
| Elogios (n=8)          | Equilíbrio (n=4)                 | <p>"Conforto... para já, esta equilibrar-me bem, se tiver que usar outras, uso, não é? Agora... esta fica bem, está a equilibrar bem." (E2).</p> <p>"Pois... cada vez estou a usar mais... porque infelizmente não tenho mais aquele equilíbrio que tinha antigamente, vontade que não me faltava, sabe?" (E9).</p> <p>"Eu gosto dela... o apoio é bom." (E14).</p>                                                                                                                                                                                                               |
|                        | Altura (n=2)                     | <p>"Podes até ver (<i>demonstrou o equipamento</i>). A minha 'ponha' mais alta ou mais curta, tem uns botõezinhos, para ajustar a altura que a gente quer." (E2).</p> <p>"Não, está no tamanho certo... não modificaria o tamanho." (E11).</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |
|                        | Pega (n=1)                       | "Não, aqui está bem ( <i>a pega</i> )."                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |
|                        | Compra (n=1)                     | "É... gosto. Eu nem comprei bengala nova." (E5).                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |
| Indiferença (n=1)      | Não ligo<br>Não me importo (n=1) | "Não... não ligo." (E1).                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |
| Não sabem (n=0)        | Não sei (n=0)                    | -                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |

Fonte: Elaborada pelos autores.

Devido ao elevado tempo de trabalho no campo, o entrevistado E1 foi diagnosticado com artrose e relatou que sua condição dificulta o uso de sua bengala, pois os dedos não possuem precisão e força, porém na usabilidade

do produto se portou como indiferente (n=1), uma vez que, segundo ele, a percepção do problema está em seu corpo (mãos) e não no produto, logo, não se importa com sua bengala e projeta os seus problemas em seu corpo e não ao produto. Outro caso similar sobre a usabilidade foi a questão do ajuste de altura da bengala (E2), pois a entrevistada precisa da ajuda de familiares no momento do ajuste, devido à falta de força nas mãos. Contudo, o E2 viu como algo positivo (elogio ao produto), apesar de não conseguir fazer a alteração da altura (n=2). Assim, o ajuste de altura é uma alteração que não é usada pelos usuários. Normalmente, os idosos usam o ajuste apenas uma vez, logo após a compra. Entretanto, as alterações muitas vezes são realizadas por terceiros. Assim, ressaltamos nestes dois exemplos como o equipamento de auxílio apresenta contradições entre os desafios de sua usabilidade (defeitos) e a percepção pessoal sobre esses problemas.

### 3.1.3 Experiência com o equipamento

De acordo com a Tabela 4, em relação à experiência com o equipamento, foram observadas 15 falas sobre a insatisfação, divididas respectivamente em: medo (n=5), tristeza (n=2), desgosto (n=2), desequilíbrio (n=2), aceitação (n=1), lentidão (n=1), cansaço (n=1) e ansiedade (n=1). Já para categoria “satisfação” na experiência de uso, observou-se 14 falas importantes e divididas em: gosto (n=7), memória (n=4), segurança (n=1), independência (n=1) e graça (n=1).

Tabela 4 – Experiência da mobilidade com o equipamento.

| Categoria           | Indicadores    | Excertos das entrevistas                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |
|---------------------|----------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Insatisfação (n=15) | Medo (n=5)     | “[...] tenho muito medo de cair. Porque antigamente, caía e me levantava, agora não consigo.” (E5).<br>“Tenho medo escorregar, tenho que conduzir só com uma mão, é desconfortável.” (E7).<br>“[...] mas no passado nem me servia dela, mas agora, na medida que vou andando, eu noto que tenho medo de ir abaixo e ando a tomar comprimidos para dores... uso mais ela.” (E9). |
|                     | Tristeza (n=2) | “[...] “é uma tristeza, não é?... preciso dela... se não, não faria os passeios.” (E3).<br>[...] “porque me dá tristeza, e digo: ‘ai meu Deus’... se não tiver ela eu não ando.” (E13)                                                                                                                                                                                          |
|                     | Desgosto (n=2) | “A gente não gosta de andar agarrada.” (E7).<br>“Preciso usar mais para saber, mas no início é ruim.” (E8).                                                                                                                                                                                                                                                                     |

| <b>Categoria</b>       | <b>Indicadores</b>     | <b>Excertos das entrevistas</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |
|------------------------|------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Insatisfação<br>(n=15) | Desequilíbrio<br>(n=2) | "Se não for ninguém... que eu vejo que não tem ninguém para ir... vou devagarinho agarrado às paredes, as coisas, para não cair." (E5).<br><br>"Mas de noite é pior, devido às luzes apagadas, tenho que me fixar." (E13).                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |
|                        | Aceitação<br>(n=1)     | "O problema é minha atividade, a falta de circulação, a ossada. Sinto-me a fundar, depois... estou um bocadinho, psicologicamente ( <i>abalada</i> ), e penso muito nisso e isso afunda-me mais e... não estou bem, disposto a aceitar o que tenho, sabe? [...]" (E9).                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |
|                        | Lentidão (n=1)         | "[...] mas tem que ser logo de manhã... essas ruas sempre têm tanto carro... tanto carro nesta rua... não posso atravessar de repente, tenho que parar." (E10)                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |
|                        | Cansaço (n=1)          | "Levo para caminhar, sempre com ela, mesmo com ela, chego cansado." (E12).                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |
|                        | Ansiedade<br>(n=1)     | "[...] às vezes caímos porque vamos muito rápido, mas é difícil isso acontecer, temos elevador e ajuda." (E3).                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |
| Satisfação<br>(n=14)   | Gosto (n=7)            | "Gostava muito de caminhar, gostava! Agora não posso. Fazia sempre uma caminhada todos os dias, agora não posso." (E4)<br><br>"[...] quer dizer... vou um pouco torta, mas vou bem... eu já andava meio torta, mas agora vou melhor." (E12).<br><br>"Eu gosto dela" (E16).                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |
|                        | Memória (n=4)          | "Tenho do meu marido. Ele também teve um problema e teve que usar a bengala, antes de morrer. Mas eu e a Ana ( <i>cuidadora</i> ), fizemos uma brincadeira ali no jardim, e a Ana pediu-me a bengala para empurrar um montinho de milho. E a bengala partiu-se e disse que depois me dava outra [...]" (E5).<br><br>"[...] quando eu posso, eu a deixo em qualquer lugar, quando vejo, eu vou logo... onde a deixei. Mas já vou logo a procura. Sinto falta dela..." (E12).<br><br>"[...] Então, tem que ser...tenho ( <i>orgulho</i> )... não me movo sem ela... quando era mais nova não precisava dela." (E15). |
|                        | Segurança<br>(n=1)     | "Tenho que andar sempre com ela...as vezes estou um pouco animada, vou ao quintal, mas tenho que ter a bengala para segurar...e ia com o regador pequenino na mão e com bengala na outra...porque não era capaz de ir apenas com o regador." (E12).                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |
|                        | Independência<br>(n=1) | "Pego sempre na bengala para me apoiar e ir onde tenho que ir." (E5).                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              |
|                        | Graça (n=1)            | "Gosto de todas as partes. [...] é engraçada." (E2).                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |

| <b>Categoria</b>   | <b>Indicadores</b> | <b>Excertos das entrevistas</b> |
|--------------------|--------------------|---------------------------------|
| Não sabem<br>(n=0) | Não sei (n=0)      | -                               |

Fonte: Elaborada pelos autores.

Um dos padrões observados diz respeito ao medo das quedas, principalmente em lugares com rampas, desníveis e nas faixas de segurança. De modo mais específico, como no caso de E13, o medo é de que a bengala se parta e, como consequência, o usuário caia, expressando uma insegurança. Já o receio de se desequilibrar (n=2), mesmo com o uso da bengala, denota outro sentido de falta de segurança que o produto pode despertar, já que o entrevistado afirma necessitar de apoio adicional em outros objetos, como corrimões, paredes, mesas e cadeiras para trazer a sensação de segurança.

Suspeitamos que essas falas possam estar correlacionadas ao desgosto (n=2) e ao processo de aceitação com o produto (n=1). Como abordado por E8, na fase inicial, o entrevistado não se adaptou bem. Isso pode ocorrer, pois a experiência de uso que o produto evoca em um primeiro momento é a percepção de desamparo, até o sujeito se acostumar e lidar com mais desenvoltura com o produto e sua mobilidade (processo de adaptação). Ademais, outros fatores pontuais, como cansaço e ansiedade relacionados ao equipamento, não apresentaram dados significativos.

Em relação à categoria de satisfação, o indicador de memória (n=4) foi um ponto interessante, pois evoca sentimentos do passado ligado ao produto ou em situações em que o usuário não se sentia dependente do produto de apoio. Um exemplo é o E5 que tinha uma bengala herdada do marido, porém, foi quebrada. Como solução, adquiriu outra similar, não se mostrando apegada ao objeto. Já E12, além de ressaltar a diferença dos problemas relacionados ao envelhecimento aponta que sente falta da bengala, de uma forma positiva, principalmente quando a esquece em lugares aleatórios e recorda da necessidade de buscá-la.

#### *3.1.4 Percepção do estigma*

A incidência de estigma nos idosos entrevistados pode ser aferida, conforme Goffman (2004), em três formas: a primeira relacionada a deformações físicas (deficiência motora, visual, auditiva, desconfiguração do corpo) e a segunda relacionada aos desvios de comportamentos (distúrbios mentais, esquecimento, diminuição da sexualidade) e, por último, relacionados aos

estigmas tribais (pertencentes a um grupo, centro ou instituição de idosos). Nesta esteira reflexiva, acrescentamos aqui uma quarta forma que parece reunir as três formas anteriores: o conjunto de elementos materiais que rodeiam o corpo do idoso, como os equipamentos de auxílio, considerados produtos que evocam o arquétipo do “velho” através de sua forma ao longo do século XX. Dito de outro modo, não seria forçoso inferir que tudo que gravita em torno deste objeto é carregado de estigma. Ademais, Alves, Moreira e Nogueira (2013, p. 4), nos ajudam a compreender como o estigma se relaciona com a materialidade, posto que: “[...] estigma é uma opinião feita e que de forma simplista não passa de uma generalização em relação a um grupo de indivíduos ou objetos”.

Conforme Tabela 5, em relação à percepção do estigma, observou-se onze falas atribuindo importância ao estigma e foram divididos em: dever (n=9) e vergonha (n=2). Para aqueles que não deram importância à percepção do estigma relacionado ao produto foram dez falas divididas em: não me importo (n=9) e normalidade (n=1).

Tabela 5 – Percepção do estigma do equipamento.

| <b>Categoria</b>          | <b>Indicadores</b>                            | <b>Excertos das entrevistas</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |
|---------------------------|-----------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Com importância<br>(n=11) | Dever (n=9)                                   | <p>“Se eu tenho que usar... que seja, tenho que gostar, não é? Pois... gosto, gosto, estou habituada. Gosto de usar, quando terminar, tenho que comprar outra, é claro” (E2).</p> <p>“Oh! Não, não tenho orgulho nenhum, por isto, eu preferia não usar a bengala... não usando a bengala ‘da’ prova absoluta que não precisava, não ando com ela... por interesse, eu ando de bengala porque eu preciso dela, para me deslocar [...]” (E9)</p> <p>“Orgulho? Não é bem orgulho, é pôr a gente precisar, eu vou daqui ali sem andar, mas se desequilíbrio, caio, mas... com a bengala eu me seguro, não é?” (E10).</p> |
|                           | Vergonha (n=2)                                | <p>“Não, tenho vergonha.” (E7)</p> <p>“Não tenho orgulho nenhum... porque é sinal de que não estou bem, estou com mazelas.” (E11).</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |
| Sem importância<br>(n=10) | Não me importo                                | <p>“Para mim é como um pedaço de pau, eu não me importo mais... da forma que a bengala é... sabe? Se é melhor ou não? Qualquer coisa serve. É só para me segurar, equilibrar.” (E1).</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              |
|                           | Me importo pouco<br>Não me interessa<br>(n=9) | <p>“Se é feia ou se é bonita? Não... para mim não me interessa, não me interessa isso... para nada.” (E15).</p> <p>“Não, não me importa nada! Eu quero lá é saber se olham para mim? E que digam que eu ando com bengala?... não posso andar de outro jeito... não me importo nada... ‘cá’ pessoas que são mais velhas e que andam sem ela..., mas nem todos são iguais.” (E12).</p>                                                                                                                                                                                                                                  |

| <b>Categoria</b>          | <b>Indicadores</b>   | <b>Excertos das entrevistas</b>                                         |
|---------------------------|----------------------|-------------------------------------------------------------------------|
| Sem importância<br>(n=10) | Normalidade<br>(n=1) | "Porque há muita gente que anda de bengala, não é? Me sinto bem." (E14) |
| Não sabem (n=0)           | Não sei (n=0)        | -                                                                       |

Fonte: Elaborada pelos autores.

A percepção do estigma com o indicador do "dever" de gostar do equipamento é fundamental para pesquisa, porque define a relação com o produto, de forma que é impossível contrariar outras possibilidades da experiência. Ao levantar esta questão, as frases relacionadas como o "tenho que gostar" mostram um padrão de obrigatoriedade na relação com o objeto, em um mecanismo em que o sujeito se adapta ao produto e não ao contrário, impossibilitando outros desejos. A importância do dever de gostar é contrário ao gosto subjetivo e múltiplo dos usuários, algo que também vai em conflito à personalização do equipamento, conforme o gosto pessoal. Outro ponto importante é a diferenciação de gosto e necessidade, pois neste item o gosto está conectado à necessidade – "se necessito, devo gostar deste equipamento".

Em relação ao orgulho de uso, não houve manifestação significativa, bem como em relação de timidez ou vergonha no uso (n=2). Um exemplo é E7, que demonstrou possuir vergonha ao usar a bengala, pois se revela, segundo o entrevistado, como uma pessoa "frágil" e a E11 com "mazelas". Apesar de gostarem de sua bengala, eles não têm orgulho do objeto, porque é um sentido neutro em nível de apresentação social, sem necessidades de exibição, logo, desprovido de orgulho. Já para os que não se importam, se importam pouco ou não se interessam sobre o assunto foram registradas dez falas. A partir desses números podemos, por um lado, suspeitar que o equipamento é insignificante em sua rotina; por outro lado, podemos supor uma possível alienação quanto à carga de estigma contido no uso desses materiais, pois suas subjetividades parecem estar bastante moldadas e capturadas pelos dispositivos que compõem a etapa da vida em que os entrevistados se encontram.

Gostaríamos de sublinhar um desvio em relação a outras respostas, no que tange ao indicador normalidade (n=1): ao ser questionado sobre o estigma, o E14 respondeu não se importar com a bengala. E isso não se dá por falta de atenção ao produto, mas porque, segundo ele, se sente normal devido à grande quantidade de pessoas que ele percebe em seu dia a dia dentro do Instituto, ao ponto de se sentir bem e pertencente a um grupo, percebendo de forma normal sua experiência com o produto.



Dentro disso, vale destacar que, no interior do campo estritamente concernente ao design, há poucas investigações que refletem a relação de equipamentos de auxílio para idosos e o processo de produção do estigma (RODRIGUES; DIAS; VELOSO, 2019). Ademais, é notado também pouco interesse pela personalização dos dispositivos assistivos, algo que caminha contra a tendência do mercado atual, em que adaptamos os produtos, roupas e, até mesmo, o espaço de trabalho à nossa própria maneira, a fim de melhorar a experiência estética dos produtos assistivos (DESMET; HEKKERT, 2007).

### 3.1.5 Desejo de inovação

Segundo a Tabela 6, na categoria “desejo de inovação do equipamento” foi observado: nenhum desejo (n=9), com desejo (n=6), não sabem (n=2) e indiferente (n=1). Observaram-se nove entrevistados que não manifestaram desejo em alterações no produto, pois parecem tê-los aceitado com um fato cristalizado, desconsiderando, assim, qualquer inovação ou modificação estética. Isto mostra um grande desinteresse do grupo em relação a qualquer tipo de modificação, melhoria ou tecnologia adicional com o equipamento de auxílio. Além disso, mostram uma resistência em relação a ideias de novos projetos. Outra leitura sobre o desejo de inovação é que o produto assistivo já os satisfaz funcionalmente, sem necessidade de adereços e outras subfunções.

Tabela 6 – Desejo de inovação do equipamento.

| Categoria           | Indicadores                                         | Excertos das entrevistas                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |
|---------------------|-----------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Sem desejo<br>(n=9) | Nada<br>Não quero<br>Não preciso<br>Nenhum<br>(n=9) | “Não, agora não gostaria de algo mais moderno, mas só experimentando que a gente conhece. Eu me ajeito com esta... não pensei em comprar outra coisa ( <i>equipamento</i> ) nem conheço.” (E10).<br>“Às vezes ela cai, mas eu ajunto, enquanto esta durar está bom, qualquer coisa eu compro outra... há pessoas que querem coisas sempre novas, mas eu não sou assim.” (E12).<br>“Agora não me interessa... não... e se não fosse da minha moda... eu... olha... a bengala para mim ou ela é curta ou é cumprida... e pronto.” (E15).” |
| Com desejo<br>(n=6) | Funcional<br>(n=5)                                  | “Não me interessa as cores, se é amarelo... eu gosto de tudo. Só vejo se é boa, ou, se é fraca.” (E7).<br>“Eu gosto, por exemplo, quando compro procuro sempre os preços ... uma coisa que não seja fraca, que tenha utilidade, mas não seja cara.” (E8).<br>“Algo mais moderno..., mas teria que experimentar, talvez gostasse.” (E16).                                                                                                                                                                                                |

| <b>Categoria</b>     | <b>Indicadores</b>                  | <b>Excertos das entrevistas</b>                                                                                                                                                                                                  |
|----------------------|-------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Com desejo<br>(n=6)  | Estético<br>(n=1)                   | "Comprava uma mais linda... mais moderna." (E4).                                                                                                                                                                                 |
|                      | Status (n=0)                        | -                                                                                                                                                                                                                                |
| Não sabem<br>(n=2)   | Não sei<br>(n=2)                    | "Eu não sei mesmo, não sei nada." (E1).<br>"Não sei, não sei responder a isso, se seria útil ou não... [...] só gostas das coisas depois de as ter. Não sei dizer, se gostava disto, assim ou assado. Não sei como é isso" (E5). |
| Indiferença<br>(n=1) | Não ligo<br>Não me importo<br>(n=1) | "Ainda não... se comprar outra não vai melhorar meu andamento, é só pelo meu andamento... se eu tivesse que usar algo melhor, acho que seria indiferente." (E11).                                                                |

Fonte: Elaborada pelos autores.

A interlocutora E10 pontua que apenas experimentando algo novo poderia saber se gosta ou não e que, por enquanto, não gostaria de algo mais moderno. Dessa forma, apenas na relação direta com o produto ela poderia opinar sobre o desejo de inovação, sem espaço para projeções. Já E6, diz ter medo de usar algo novo, e que "já está boa" a bengala que possui. Novamente observamos um campo sem possibilidades de novas formas de existência material, sem força de idealização, desejo e fantasia sobre o equipamento. No que tange às possíveis inovações do produto, destacamos seis falas significativas. Ressaltamos aqui, principalmente o desejo de inovação pela funcionalidade (utilitário), como representado na fala de E7 – "[...] quero algo que se possa andar [...]"; dessa forma, há um padrão da função do "fazer andar", que já é o suficiente para refletir uma melhoria, ao contrário das funções estéticas do produto (n=1). O sentido estético é levantado apenas pela entrevistada E4, que gostaria de algo mais "lindo" e "moderno". Já a interlocutora E8, preferiu ter um produto mais acessível e barato do que algo com maior conectividade, pois não usa celular digital, logo não poderia explorar esse lado mais digitalizado do produto. Isso também foi percebido em todos os entrevistados, pois não possuem telefone *touch* (literacia digital).

Para os interlocutores, o equipamento não precisa de alterações e já nutre seus anseios sobre a materialidade. Por exemplo, para a entrevistada E15, devido às suas comorbidades, uma vez o equipamento suprindo as necessidades básicas de caminhar, já se mostraria suficiente para desempenhar sua função. Nessa leitura, os discursos giram na obrigação de gostar do produto,

pois não teriam outra alternativa se não gostarem do equipamento, já que – “[...] é a única coisa que o fazem de pé”. Logo, o grupo não se interessa por mudanças referentes ao estilo, cor e forma. No máximo, se importam apenas com o tamanho do equipamento de auxílio, evidenciando, assim, um discurso mais técnico do que estilístico sobre o equipamento de ajuda.

Outro caso significativo, que evidencia a fala tecnicista sobre objeto, é o significado atribuído por E7 – “Não me interessa as cores, se é amarelo... eu gosto de tudo. Só vejo se é boa, ou, se é fraca.” Esta fala, sustentamos, traça a força do desejo funcional (n=5) sobre o desejo estético estabelecido com o equipamento de auxílio (n=1). Por fim, o desejo de inovação pela função é significativo, pois, novamente, a mentalidade tecnicista reveste o produto. Assim, os sujeitos entrevistados, em sua maioria, elaboraram significados sobre o equipamento de auxílio, justificando um fim físico. Este discurso sobrevive pela ênfase da mecânica do equipamento na mobilidade, em contraponto, ao esquecimento da importância estética/emocional estabelecida com o produto assistivo.

#### 4 Conclusão

Ainda que multifacetada, é possível traçar padrões discursivos sobre a percepção que o idoso tem sobre o produto assistivo, por isso a análise de conteúdo foi importante para capturar essas frequências nas falas dos entrevistados. Logo, foi percebido neste grupo um padrão relacionado à visão funcionalista sobre o equipamento de auxílio, além de uma significativa frequência de falas em que não é notório o estigma sobre o equipamento de auxílio. Daqueles entrevistados que percebem o tema do estigma, foi percebido o “dever de gostar”, pois necessitam do produto, mas não desejam melhorá-lo, sem desejos estéticos ou alterações que fortifiquem a sua relação com o produto.

Através das reflexões de Foucault (2007), podemos observar os discursos através das unidades em relação ao padrão discursivo dos idosos, criando unidades arquitetônicas de significados para o equipamento de auxílio, observando a repetitividade e os desvios das falas, tecendo uma homogeneidade discursiva. Apesar da inexistência de estruturas de significados permanentes, na medida em que o significado do equipamento é uma construção social, é possível definir uma rede conceitual que lhe é própria, ou seja, uma formação discursiva. Dessa forma, podemos afirmar que o equipamento de auxílio para este grupo emoldura a subjetividade do idoso, pois reproduz a função da necessidade de uso acima da positivação e personalização do objeto. Os

estágios iniciais foram percebidos como os mais delicados na interação com equipamentos de auxílio para os entrevistados, por revelar a condição própria que o corpo impõe ao idoso, podendo desencadear sensações de desconforto, ansiedade, receio, medo e até o abandono do produto assistivo, como já abordado por Parette e Scherer (2004).

A contribuição da pesquisa foi demonstrar como os objetos materiais destinados ao público idoso (equipamento de auxílio) são carregados de significação, e como alguns destes significados produzem hierarquias, padrões e normatividades na rede semântica atribuída aos produtos assistivos, bem como desvios que fogem desta padronização. Desse modo, o equipamento carrega um conjunto de estigmas relacionado ao envelhecimento, sobretudo, por conta da supervalorização da função prática em detrimento da função simbólica.

Houve dificuldade de entendimento de alguns entrevistados (n=3) devido à baixa audição, dessa forma, foi preciso repetir algumas perguntas. Ademais, alguns não colaboraram expressivamente, se mostrando resistentes ou tímidos e manifestavam respostas diretas ou monossilábicas (n=5). Em contraponto, outros eram expressivos demais, foram simpáticos e atenciosos, contavam histórias ou rodeavam até responder as perguntas com objetividade (n=11).

Apesar dos esforços da atualidade em se mostrar o idoso como “ativo e empoderado”, ainda é preciso compreender o envelhecimento pela materialidade por múltiplos fatores, como: as emoções, as experiências estéticas e os comportamentos através da interação com os produtos assistivos, antes, durante e após o uso. Os processos e atos de estigmatização operados sobre/por idosos, na agência com os objetos afirma-se com um campo fundamental a ser explorado. Este tema reflete continuidades ou descontinuidades do significado para a conexão do campo da saúde, do envelhecimento e design.

Por fim, como desdobramentos para futuras pesquisas, é interessante conectar os discursos produzidos pelos idosos em comparação à imagem construída do sujeito idoso com os equipamentos de auxílio na publicidade, nas mídias, instituições e no Governo.

### agradecimentos

Os autores agradecem à disponibilidade e atenção dos entrevistados nesta pesquisa. Agradecem também ao Instituto Patronato, de Aveiro, Portugal, ao Programa de Doutorado em Design de Aveiro e Porto – Instituto de Design, Média e Cultura (ID+) e à Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT) pelo fomento desta pesquisa, com identificação PD/BD/135277/2017.

## WEAVING MEANINGS: AN ANALYSIS OF THE RELATIONSHIP OF ELDERLY TO WALKING AID

### abstract

Walking aids, present in the senior's material culture brings not only mobility support, but in addition, these objects awake the process of subjectivation, evoking aspirations linked to society, culture, symbolic values. Thereby, the objective of this investigation was to analyze the discourses of seniors about their relationship with walking aids. The method employed was a case study, using dezesseis semi-structured and applied interviews with elderly people from the Patronato Institute in Aveiro, Portugal. As a form of examination, the transcripts were subjected to content analysis. One of the main results of this investigation was to verify that these products are perceived as mere supports, devoid of any symbolic connection. Finally, the research's contribution was to recognize that these objectives carry a set of stigmas, mainly due to the overvaluation of the practical function to the detriment of the symbolic function.

### keywords

Assistive Equipment. Stigma. Elderly People. Content Analysis.

### referências

- ALMEIDA, Thiago de; LOURENÇO, Maria Luíza. Reflexões: conceitos, estereótipos e mitos acerca da velhice. *Revista Brasileira De Ciências Do Envelhecimento Humano*. Passo Fundo, v. 6, n. 2, p. 233-244, 2010. Disponível em: <http://seer.upf.br/index.php/rbceh/article/view/171/793>. Acessado em: 13 jun. 2020.
- ALVES, Sara; MOREIRA, Carmem Félix; NOGUEIRA, Sónia. Relações sociais, estereótipos e envelhecimento. *Actas de Gerontologia*. Porto, v. 1, n. 1, p. 1-11, 2013.
- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.
- CHIZZOTTI, Antonio. *Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais*. Petrópolis: Vozes, 2006.
- DESMET, Pieter; HEKKERT, Paul. Framework of Product Experience. *International Journal of Design*. Delft, v. 1, n. 1, p. 13-23, 2007.
- DOMINGUES, Ivan. Nas fronteiras do saber: dilatação da experiência e novas formas de racionalidade. *Revista Internacional Interdisciplinar – INTERthesis*. Florianópolis, v. 7, n. 2, p. 1-18, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/interthesis/article/view/1807-1384.2010v7n2p1/16219>. Acessado em: 13 jun. 2020.
- FERNANDES, Sandra Lizete da Costa. *Vivências em lares de idosos: Diversidade de Percursos um Estudo de Caso*. 2010. 155f. Dissertação (Mestrado em Gerontologia Social), Departamento de Ciências da Educação e do Património, Universidade Portuguesa Infante Dom Henrique, Porto, 2010.

FOUCAULT, Michel. Sobre a História da sexualidade. In: *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Editora Graal, 2000.

FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 15. ed. São Paulo: Loyola, 2007.

GOFFMAN, Erving. *Estigma*: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Título Original: *Stigma – Notes on the Management of Spoiled Identity*. New York: Simon and Schuster, 1963. Tradução de Mathias Lambert, 2004.

GOGNALONS-CAILLARD, M. La production sociale de la maladie dans la vieillesse. *Gérontologie*. Paris, v. 29, n. 2, p. 21-25, 1979.

HALL, Stuart. O legado teórico dos *cultural studies*. In: *Revista de Comunicação e Linguagens*. Universidade Nova de Lisboa, n. 28, out, 2000.

JOSÉ, São José; WALL, Karin. Trabalhar e cuidar de um idoso dependente: problemas e soluções. *Actas dos ateliers do V Congresso Português de Sociologia*: Sociedades Contemporâneas: Reflexividade e Acção. Universidade do Minho, Braga, 12 a 15 de maio de 2004. Lisboa: Associação Portuguesa de Sociologia, 2004. p. 65-72.

MCLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação*: como extensões do homem. São Paulo: Editora Cultrix, 1974.

MILLER, Daniel. Materiality: an introduction. In: MILLER, Daniel (ed.). *Materiality*. Durham: Duke University Press, 2005.

MILLER, Daniel. *Trecos, Troços e Coisas*: estudos antropológicos sobre a cultura material. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

NORMAN, Donald Arthur. *Design emocional*: por que adoramos (ou detestamos) os objetos do dia a dia. Tradução de Ana Deiró. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

PARETTE, Phil; SCHERER, Marcia. Assistive technology use and stigma. *Education and Training in Developmental Disabilities*. Tempe, Arizona State University, v. 39, n. 3, p. 217-226, 2004. Disponível em: [www.jstor.org/stable/23880164](http://www.jstor.org/stable/23880164). Acessado em: 13 jun. 2020.

PÊCHEUX, Michel. *Analyse automatique du discours*. Paris: Dunod, 1969.

QUELUZ, Marilda Lopes Pinheiro (org.). *Design & Consumo*. Curitiba: Peregrina, 2010.

RODRIGUES, Yago Weschenfelder; DIAS, Luís Nuno Coelho; SOUZA, Fábio Feltrin de. Dispositivo em Design: descontinuidades do significado da bengala. *Estudos em Design*. v. 27, p. 43-65, 2019. Disponível em: <https://estudosemdesign.emnuvens.com.br/Design/article/view/692>. Acessado em: 20 jun. 2020.

RODRIGUES, Yago Weschenfelder Rodrigues; DIAS, Luís Nuno Coelho; VELOSO, Ana Isabel Barreto Furtado Franco de Albuquerque. Reflexões sobre Design e estigma no envelhecimento. *Gavagai – Revista Interdisciplinar de Humanidades*, v. 5, n. 2, p. 86-109, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufes.edu.br/index.php/GAVAGAI/article/view/11087>. Acessado em: 20 jun. 2020.

YIN, Robert. *Estudo de Caso*: planejamento métodos. 5. ed. São Paulo: Bookman editora, 2015.

Data de Submissão: 28/09/2019

Data de Aprovação: 22/06/2020